



Revista Pax Domini é licenciada sob
uma Licença Creative Commons.

DA (IN) VISIBILIDADE À OFICIALIZAÇÃO AO CARGO DE PASTORAS ASSEMBLEIANAS: NÃO POR *STATUS*, MAS POR DIREITO

Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa¹

Resumo

Esta comunicação tem por objetivo elucidar alguns aspectos que regem a relação de trabalho entre as Mulheres do Círculo de Oração (CO) das Igrejas Assembleias de Deus (ADs), com observações empíricas e breve panorama histórico, com vistas a resgatar as figuras femininas precursoras das ADs. Visa traçar um paralelo da mulher "ama de leite" e a obra *Casa-Grande & Senzala de Gilberto Freire*. São mulheres anônimas que representam a "mãe preta do passado", possuidoras de um bom leite para amamentar os filhos de seus senhores: a oração e a profecia, que alimenta a igreja dando aos pastores o direcionamento espiritual, e, mesmo assim, sofrem exclusão pastoral, para o cargo de pastoras. Porém, a partir do II Congresso Norte de Teologia e o 4º Encontro Nacional da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais – RELEP, realizados na sede das ADs manauara, serviu de motivação para as mulheres assembleianas apresentarem suas reivindicações aos pastores-presidente, Jonatas Câmara e Samuel Câmara por meio de uma Carta Proclamação, com argumentações contundentes sobre a oficialização "da vocação pastoral feminina, não por *status*, mas pela evidência do chamado espiritual concedido por Deus a homens e mulheres [...]". Em dezembro de 2017 na festa do Centenário das ADs Manaus foram ordenadas ao cargo de pastoras cerca de 924 mulheres. A nova Convenção CADB – Convenção da Assembleia de Deus no Brasil, fundada por Samuel Câmara, em 2017, tem como promessa apoiar o Ministério Pastoral Feminino. É o começo de novos tempos, enquanto as ADs de Manaus aceitaram, outras continuam firmes na negação as mulheres ao cargo de pastoras. Um assunto polêmico dentro das ADs desde à década de 30, levantou um debate duro na Primeira Convenção Geral que já dura mais de cem anos de proibição.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Assembleias de Deus; exclusão pastoral; mulheres pastoras;

Abstract:

¹ Marina Correa - marinasantoscorrea@gmail.com

Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Atualmente atua como professora e realiza Pós-doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Sergipe – SE – PNP/CAPE/UF/FS.

Membro do Grupo de Estudos Protestantismo e Pentecostalismo – GEPP - PUC-SP

Membro do RELEP – Rede Latino-Americano de Estudos Pentecostais

Membro e vice-coordenadora do grupo de pesquisa OBSERVARE - Observatório Multidisciplinar de Religiões e Religiosidades, Universidade Federal de Sergipe.

This communication aims to elucidate some aspects that govern the working relationship between the Women of the Prayer Circle (CO) of the Assemblies of God Churches (ADs), with empirical observations and a brief historical overview, with a view to rescuing ADs. It aims to draw a parallel between the woman "milkmaid" and Gilberto Freire's Casa-Grande & Senzala. They are anonymous women who represent the "black mother of the past," possessing good milk for suckling the children of their masters: prayer and prophecy, which feeds the church by giving pastors spiritual direction, and yet suffer exclusion pastoral, for the position of shepherdesses. However, since the II North Congress of Theology and the 4th National Meeting of the Latin American Network of Pentecostal Studies (RELEP), held at the AD headquarters of Manaus, it served as a motivation for the assembly women to present their demands to the pastors-president, Jonatas Câmara and Samuel Camara by means of a Proclamation Letter, with strong arguments about the officialisation "of the female pastoral vocation, not by status, but by the evidence of the spiritual call given by God to men and women. In December 2017, at the feast of the Centennial of the AD Manaus, about 924 women were ordained as pastors. The new Convention CADB - Convention of the Assembly of God in Brazil, founded by Samuel Câmara in 2017, has as its pledge to support the Women's Pastoral Ministry. It is the beginning of new times, while the ADs of Manaus accepted, others remain firm in denying women to the position of shepherdesses. A controversial subject within the ADs since the 1930s, it has stirred a heated debate in the First General Convention that has lasted over a hundred years of prohibition.

Keywords: Pentecostalism; Assemblies of God; pastoral exclusion; women pastors;

Introdução

O homem não traz harmonia: é ela. É ela que traz a harmonia, que nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bela (Papa Francisco) Acidigital. Notícias – Vaticano 09/02/17.

Pensar que somente as mulheres têm condições de harmonizar, acariciar, amar etc, como disse o Papa Francisco pode ser um exagero, mas ao mesmo tempo, acreditar que o destino nos pariu inferiores aos homens, é desconhecer a força das mulheres e a luta traçada por estas, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, reivindicando igualdade perante uma sociedade machista nos dizendo diariamente "coisas do destino biológico". As mulheres trabalham fora de casa por mais de dez horas diárias, e ainda têm a missão de cozinhar, lavar, passar, levar os filhos à escola, rezar, e esperar pelos esposos no final do dia, cansados, não veem a hora de "relaxar" depois de um dia "penoso" de trabalho, pois eles são considerados "chefes de família".

Bourdieu em sua obra *A dominação masculina*, narra que,

O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida, a família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é a família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem².

Quanto à Igreja, Bourdieu afirma o seguinte: “marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade”³. Na visão deste autor, A Igreja inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres.

Como de costume, a rotina nos impõe hábitos tão sutis que, muitas vezes, não percebemos a realidade a nossa volta. Dominadas pelo patriarcalismo e dogmas impostos pela sociedade da “inferioridade feminina”, simplesmente seguimos submetidas a essa dominação masculina, sustentados por valores morais e éticos, seja na hierarquia familiar, baseada na autoridade do pai – e para impor uma visão do mundo social e do lugar que aí cabe à mulher por meio de uma verdadeira iconografia religiosa do Brasil, de uma educação sob tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal baseada na homologia entre a relação homem/mulher.

As Igrejas Assembleias de Deus (ADs) são uma das igrejas pioneiras no Brasil, fundada por missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren iniciaram suas missões no Pará e Nordeste do país, desde o seu início, contou com a participação das mulheres em seus cultos, testemunhos, fundações de igrejas como exemplo Maria Nazaré no Ceará e assim por diante. Quero começar por Celina Martins Albuquerque (1876-1966), nasceu em Manaus, católica, depois se converteu a Igreja Batista em Belém em 1909. Foi a primeira pessoa a receber o batismo no Espírito Santo, segundo história das Assembleias de Deus em Belém (Pará) ao crer na doutrina pentecostal pregada pelos fundadores Gunnar Vingren e Daniel Berg.

Segundo Gunnar Vingren,

² BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2015. p. 103.

³ BOURDIEU, 2015, p. 103.

Durante aquela semana tivemos cultos de oração cada noite na casa de uma irmã, que tinha uma enfermidade incurável nos lábios e nós sentíamos tristeza, porque ela não podia assistir aos cultos na Igreja. O primeiro que fiz foi perguntar se ela cria que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim. Dissemos então para que ela deixasse desde aquele instante, todos remédios que estava tomando. Oramos por ela, e o Senhor Jesus a curou completamente.⁴

Este fato colaborou em precipitar a sessão extraordinária do dia 13 de junho de 1911, quando os missionários suecos foram expulsos da Primeira Igreja Batista e fundar a Igreja Assembleia de Deus. As ADs surgiram apoiadas em dois fatos extraordinários, a cura instantânea da doença incurável de Celina Albuquerque e a ação do Espírito Santo, pelo batismo. Celina foi a primeira pessoa a ser batizada pelo Espírito Santo, como narram os pioneiros fundantes das ADs. As narrativas que sustentaram Berg e Vingren em fundar uma igreja tinha como base dois fenômenos sobrenaturais. Questiono, no entanto, o porquê de não apontar o terceiro fenômeno extraordinário, a mulher Celina, pela coragem e determinação, movida ação do Espírito Santo, testemunhar sua cura e o batismo?

Celina Albuquerque, mulher excluída da sociedade por muito tempo, - segundo as narrativas dos pioneiros -, teve a coragem de se expor diante de um culto, direcionado por missionários estrangeiros, anunciando práticas até então, desconhecidas pela igreja que os acolheram. Por que eles descreveram como sendo fatos extraordinários? Será que os missionários não tinham presenciado uma mulher de tamanha coragem? Pensando dessa forma, se a ação do Espírito Santo manifestou-se pela primeira vez sobre uma mulher, por que então as ADs excluíram e ainda excluem as mulheres assembleianas em seu meio?

As atitudes tomadas pelos administradores assembleianos me fazem lembrar a saga de Maria, a mãe de Jesus. Segundo as narrativas bíblicas, antes da concepção do seu filho foi visitada pelo anjo Gabriel, um fato extraordinário. Por que então Maria foi silenciada pela história e pela Igreja Católica até hoje? As mulheres católicas são silenciadas assim como as mulheres assembleianas. Somos serviçais religiosas sem voz! Lembrando as palavras de Maria mãe de Jesus em (Lc, 1, 46-48): “Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu salvador, porque olhou para sua pobre serva [...]”. Posso pensar que tanto os pastores quanto os padres leram apenas “pobre serva”, ou estou enganada?

⁴ GUNNAR VINGREN apud ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 07.

Ivone Gebara, freira desde 1967 pela Congregação das Irmãs de Nossa Senhora, Cônegas de Santo Agostinho, em sua obra *Rompendo o silêncio* (2000), nos diz o seguinte,

Sempre se falou do “mal” como experiência comum aos homens e mulheres. Ninguém está isento desta experiência quando se vive num nível de socialização e de responsabilidade [...]. O problema que ocupará minha reflexão não é a existência do mal, mas a compreensão do mal, sua interpretação, e sobretudo o papel que esta interpretação desempenhou na história da teologia, especialmente em relação às mulheres.⁵

Gebara nos fala não do mal que cada um comete pessoalmente, mas o mal sofrido, o mal suportado e não escolhido, o mal presente em certas instituições e estruturas culturais e sociais que o favorecem. Neste sentido, em Gebara, não é o mal ligado a consciência de viver no mal ou escolher o mal, mas do mal que está além da consciência do mal, vivido cotidianamente por nós mulheres. Além disso, parece que aceitamos este mal como desígnio de Deus, e aceitamos como destino, ou castigo pelos pecados ocultos. O pecado de sermos mulheres? “Para os homens, o mal é um “fazer” que se pode, de alguma forma, “desfazer”. Mas, para as mulheres, o mal está em seu ser. Ser mulher já é um mal ou, pelo menos, um limite” [...].⁶

Lendo Gebara e a Epístola do Apóstolo Paulo a Timóteo (2, 9-12) “do mesmo modo, quero que as mulheres usem traje honestos, ataviando-se com modéstia e sobriedade [...]. A mulher ouça a instrução em silêncio, com espírito de submissão. Não permito a mulher que ensine, nem que se arrogue autoridade sobre o homem, mas permaneça em silêncio [...]. Alguém pode me questionar que são palavras ditas em outro contexto social e temporalidade, mas, a Bíblia não é a Palavra de Deus? Gebara nos assevera “ora, hoje é preciso, sem dúvida, atenuar essas afirmações, como também as interpretações dos textos, sobretudo quando se trabalha numa perspectiva feminista”⁷. Tantas perguntas me veem a mente nas leituras bíblicas a respeito dessas instruções: Por que insistir tanto na submissão das mulheres? Outra leitura que me deixa perplexa, a narrativa no fato que Eva que se deixou seduzir... entre tantos questionamentos penso: então por que limitar a salvação das mulheres à maternidade,

⁵ GEBARA I. *Rompendo o silêncio*. Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 27.

⁶ GEBARA, 2000, p. 31.

⁷ GEBARA, 2000, p. 33

maternidade submissa e casta? E os homens, o que Deus propôs a eles? Quem determina seu caminho de salvação? Gebara mais uma vez indaga ao que parece “o caminho dos homens para sempre estabelecido por eles mesmos, apesar de afirmarem que é Deus que eles obedecem”. Por que então as mulheres precisam de dupla mediação: a de Deus e a dos homens? A relação entre os homens e Deus seria conversa de “homens”? Não se trata aqui de acusação, mas, de uma tentativa de reflexão das injustiças que ocorreram e ocorrem na questão feminina, para tentar criar uma relação mais equânime entre mulheres e homens.

1 Frida Vingren: de missionária ao abandono no hospício na Suécia

Frida Maria Standberg Vingren, missionária sueca enviada para o Brasil pela Igreja Filadélfia, de Estocolmo, em 1917. Com apenas 26 anos, viajou sozinha da Suécia a Belém, PA. Chegando ao Brasil, três meses depois, Frida se casou com Gunnar Vingren, com quem teve seis filhos, e ajudou na expansão do movimento pentecostal brasileiro, que resultou no movimento das Assembleias de Deus. Trabalhou com igrejas no Norte do País, se transferindo para o Sudeste quando trabalhou na implantação das Assembleias de Deus no Rio de Janeiro e em outras cidades. Muitas vezes substituindo o próprio esposo em períodos de viagens ou enfermidade à frente das igrejas. Essa sua incontestável liderança provocou ciúmes entre pastores brasileiros e missionários suecos.⁸

Frida Vingren destacou-se no quadro como uma das mais importantes colaboradoras dos jornais: *Boa Semente*, *O Som Alegre* e *Mensageiro da Paz*. Foi também comentadora das Lições Bíblicas da escola dominical, publicadas na década de 1930. Além de escrever profundas mensagens evangelísticas, doutrinárias, e de exortação, compôs 24 hinos da Harpa Cristã usados até hoje. Por que será que um dos temas da Primeira Convenção Geral no ano de 1930, trazia na pauta o ministério feminino? Frida Vingren era a única mulher com participação direta nas decisões administrativas, e que também esteve presente nessa convenção. Tudo leva a crer que Frida Vingren tinha ferido o “orgulho machista” tanto dos pastores brasileiros quanto dos suecos. O seu principal perseguidor sueco foi Samuel Nystron (1891-1960), o primeiro missionário sueco enviado pela Svenska Fria Missionen, a Junta

⁸ ARAUJO, 2007, p. 903-904.

Missionária fundada pela Igreja Filadélfia de Estocolmo (Suécia), pastoreada pelo pastor sueco Lewi Pethrus.

Esse episódio foi registrado na agenda de Vingren, em setembro de 1929. Ele teria recebido “uma carta dura”⁹ de Samuel Nystron, contrariando a sua posição favorável ao ministério feminino nas igrejas. Segundo Vingren: “Samuel Nystron chegou do Pará. Não se humilhou. Sustenta que a mulher não pode pregar nem ensinar, só testificar. A fala de Samuel Nystron sobre o caso: “... até o Senhor nos unir (...) estamos separados”¹⁰. Gandra lamenta que,

É frustrante não ter o testemunho de Frida Vingren, mas, certamente a situação lhe era desconfortável, [...]. Curiosamente ela é a única mulher a aparecer na fotografia e ainda está sentada entre seu esposo e Samuel Nyström, como já dito, principal opositor do ministério feminino. A partir de então, a liderança assembleiana sinaliza, por intermédio de suas ações claramente direcionadas a Frida Vingren, sua postura frente à presença da mulher nos principais fóruns decisórios da instituição, algo que permanece até os dias atuais (...) A historiografia assembleiana criou então um estereótipo de Frida Vingren que não lhe fazia justiça. Silenciada e descaracterizada.¹¹

2 As Mulheres Assembleianas na contemporaneidade

As mulheres assembleianas não tem rosto para a instituição, mas são conhecidas em suas comunidades locais e trabalham juntamente com os seus maridos, os pastores. No final do semestre passado (2016) tive o prazer em conhecer uma assembleiana em Aracaju, depois de muitos assuntos entramos nas observações de campo e conversamos por horas, o que me rendeu uma comunicação sobre gênero na OAB de Aracaju. Gênero? E por que não? Já falei de muitas coisas sobre os homens assembleianos, mas sobre as mulheres.... Ah essas mulheres!!!

Mary Ângela Brito Alves (M.A), residente na cidade de Feira de Santana, BA, mãe, esposa, amiga, obreira pregadora, advogada, mulher, conselheira. Em seus relatos ela me

⁹ DANIEL, Silas. História da Convenção Geral das assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 34-35.

¹⁰ DANIEL, 2004, p. 34-35.

¹¹ GANDRA, V. R. A “*Instrumentalização*” Política de Frida Maria Strandeber Vingren: De silenciada à mito assembleiano. Anais do V Congresso da ANPTECRE “Religião, Direitos Humanos e Laicidade”. Curitiba, 2015, p. 519 file:///C:/Users/marina/Downloads/5anptecre-15544.pdf.

ofereceu o título: *EU E A ASSEMBLEIA DE DEUS*. M. A. é negra e filha de angolanos vindos de Malange da tribo de Nigolas, me disse o seguinte,

A mulher negra evangélica, não chega ser um biótipo escolhido para casar. Ela é vista de uma forma diferente. Para ela ser aceita nas igrejas é necessário que seja além de recatada, que é regra para todas, ela tem que ser de oração e muita oração, para assim obter o respeito dos fiéis. Não cabe a mulher negra cantar, pregar, essas liturgias são mais para as mulheres de cor clara ou branca. O que compete a mulher negra é o Círculo de Oração.... Diga-se de passagem, e que muitos não saibam: É A MELHOR PARTE. Assim como para as mulheres negras cabia a cozinha (no passado) para a mulher negra cristã evangélica de hoje é o Círculo de Oração (Informação verbal).

Continua a fala de M. A:

Observe que: A maioria das dirigentes de Círculo de Oração são negras e com dupla responsabilidade: ser cheia da unção e bem amorosas. Também de biótipos cheinhas (gordinhas) O que nos faz lembrar (a mãe preta rrsrsrs). Interessante né? (Informação verbal).¹²

Para M. A, as mulheres do CO, representam a mãe preta do passado, que tinha os seios fartos de um bom leite para amamentar os filhos de seus senhores na *Casa-Grande* e as mãos de ouro para fazer uma boa comida nos requintados banquetes. Assim como nas ADs as mulheres têm o leite sagrado: a oração e a profecia que alimenta a igreja e os joelhos calejados de tanto orar para sustentar a coluna da igreja dando-lhes o direcionamento espiritual aos pastores.

Utilizando a obra *Casa-Grande & Senzala* Gilberto Freyre, obra clássica e atual há mais de setenta anos, nos desperta, fazer paralelos sobre alguns aspectos significativos da sociedade daquela época e a nossa atual: as famílias, as crianças, as amas de leite, no interior de uma sociedade patriarcal, rural e, ao mesmo tempo, contextualizá-las em pleno século XXI. Em um contexto tão urbano, onde a exemplo, os templos ADs se assemelham mais com as de um *shopping Center*, pensar em mulheres negras, orantes, donas de um alimento tão sagrado – a oração e a profecia, para alimentar os pastores? Será que as marcas de Brasil agrário, patriarcal e escravocrata “continuam a influenciar a conduta, os ideais, as atitudes (...)”¹³ dos pastores ainda hoje? Interessante pensar em *Casa-Grande & Senzala* e os

¹² Informação verbal concedida por Mary Ângela Brito Alves (M.A), entrevista em Aracaju, em 2016.

¹³ FREYRE. Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Global Editora, 2016, p. 51

grandes templos das ADs, os Ministérios¹⁴, Congregações, ponto de pregação, Círculo de Oração, amas de leite, tudo isso nos conduz à uma conexão perfeita: Casa-Grande (Ministérios); senhores do engenho (pastores-presidente); congregações (moedas); Círculo de Oração (mulheres, amas de leite; oração, profecia, serviço e omissão feminina).

Gilberto Freire narra várias exigências que a *Casa-Grande* “fazia para subir da Senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos – amas de criar, mucamas, (...)” Quanto as mães pretas, referem as tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais (...)”¹⁵ O autor nos diz ainda que,

A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes substituir-lhe a própria mãe - é natural que fosse escolhida entre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. Dentre as menos boçais e as mais ladinas.¹⁶

“A nossa ama de leite, chamada da senzala à Casa-Grande para ajudar franzinas mães de quinze anos a criarem os filhos”, Freyre aponta sofrimentos dos dois lados, brancas e negras estavam fadadas aos maus-tratos. As senhoras brancas, prematuramente, passavam pela maternidade, as amas de leite, donas do melhor leite, quanto mais negras, mais fortes, ao mesmo tempo, tinham que passar por certas exigências, “ao beirar-se do delicado problema das amas de leite, principia um tanto, acacianamente: os peitos deverão ser, convenientemente, desenvolvidos nem rijos nem moles, os bicos nem muito pontudos nem encolhidos, acomodados ao lábio do menino.”¹⁷

Essas exigências me fazem lembrar do testemunho de M.A, quando foi escolhida para entrar no CO, em suas afirmativas comenta: “nunca me avisaram que ai começaria as dores

¹⁴ Igrejas-sede e/ou Ministério: as igrejas ADs batizaram os ministérios com a nomenclatura interna de *Campo* que se refere à área de atuação de um ministério ou igreja - sede - chamada também de igreja-mãe, e suas congregações e pontos de pregação agrupada em um determinado local. Essas congregações e os pontos de pregação pertencentes à um ministério são desterritorializados, construídos em bairros, cidades em um ou mais estados. As congregações e os pontos de pregação constituem-se em uma rede de congregações “satélites”, dependentes da matriz, a que chamam de ministério, liderado por um pastor-presidente que conta com um forte vínculo administrativo, doutrinário e litúrgico entre. As congregações geralmente são lideradas por diáconos, presbíteros, evangelistas ou por um pastor local, que prestam obediência ao pastor-presidente. A palavra ministério também é usada para o conjunto de igrejas dentro de determinado espaço geográfico, ex: Ministério Madureira, Ministério do Belém.

¹⁵ FREYRE, 2016, p. 435.

¹⁶ FREYRE, 2016, p. 435-436.

¹⁷ J.B.A. IMBERT (Guia medica) apud Freire, 2016, p. 445.

(rsrs) as lutas, como também foi ai que descobrir... *que mulher assembleiana tem limite... Era o máximo que eu poderia chegar... NUNCA PODERIA PASTOREAR (ser pastora)*. Tudo isso era muito puxado, mas, eu estava satisfeita pois meus olhos só enxergavam que meu limite tinha chegado. Precisa dizer mais alguma coisa? A fala de M.A nos faz pensar em um passado tão distante, de contexto totalmente diferente, mas, ao mesmo tempo, nos mostra uma realidade semelhante, e o que é melhor, evoca os mesmos sentimentos de Freire “a velha ama negra continuar a servi-lo como dantes”.¹⁸

Para Mary Ângela, as mulheres assembleianas trabalham muito em suas igrejas, mas não têm nenhum reconhecimento. Mulher de pastor não tem nome... E as mulheres negras então? Assim como em todo lugar, sofre dupla discriminação. A situação das mulheres assembleianas vai muito além do imaginado, elas fazem tudo dentro das igrejas até o sermão de seus maridos muitas vezes são preparados por elas. Tem mulheres que tem alto grau e conhecimento, todavia, elas se submetem a ficar no anonimato para preservar o casamento. Ou seja, elas ajudam os maridos em tudo, mas são mulheres anônimas, sem rostos e sem nomes, no máximo esposas dos pastores.

3 ADS Manaus e a Carta Proclamação

O II Encontro Norte de Teologia da Faculdade Boas Novas e o 4º Encontro Nacional RELEP, realizados em Manaus, nos dias 26 a 29 de setembro de 2017, foram marcados pela força das mulheres assembleianas. No penúltimo dia do Congresso, por iniciativa de um grupo de mulheres de Manaus e membros da RELEP apresentaram aos pastores, Jonatas Câmara e Samuel Câmara uma Carta Proclamação sobre o Ministério Feminino, uma discussão que surgiu a partir da realização de uma Mesa Redonda intitulada: O papel da mulher no pentecostalismo: experiências e desafios, composta por Miriam Lins (primeira mulher AD missionária enviada para o exterior; Rebeca Câmara da AD Pará (Esposa do pastor Samuel Câmara); Andrea Nogueira (Faculdade Refidim); Maria José Costa Lima (Diretora da Faculdade Boas Novas) entre outras, eu, Marina Correa (pesquisadora das ADs no Brasil e Relepiana), apresentamos algumas reivindicações. Aliás, as mulheres assembleianas me

¹⁸ FREYRE, 2016.

representam, são mulheres que ensinam, pregam, aconselham, visitam, cuidam, evangelizam, dirigem igrejas, no entanto, não participam ou não participavam das instâncias administrativas e decisórias em ambientes eclesiais e convencionais.

Seguindo a pauta da Carta Proclamação,

A mulher é e foi durante a história parte vital e imprescindível no movimento pentecostal do norte do país. No Brasil, elas perfazem quase 70% do total da membresia, isso se deve, ao perfil histórico da igreja que em sua origem, teve como foco alcançar o pobre e os marginalizados, e isso atraiu vários grupos e pessoas e naturalmente também a mulher que vive historicamente em um contexto de opressão e inferioridade.¹⁹

A contribuição das mulheres pentecostais para o pentecostalismo é algo incontestável, entretanto, é sabido a exclusão dessas mulheres dentro da denominação assembleiana, de maneira sutil, elas sempre foram desacreditadas e, convenhamos, em pleno século XXI continuar com essa exclusão é algo no mínimo vexatório para nós mulheres. Poderíamos passar horas citando nomes de mulheres que ganharam notoriedade na história do Movimento Pentecostal, cada mulher a seu modo, marcou profundamente seu tempo e sua geração nos deixando um legado rico. Mas, como seguir nesse legado se as mulheres assembleianas não possuem rosto e nem nomes? As gerações mais jovens nunca ouviram falar de Frida Vingren, ou se ouviram, nunca se importaram em saber mais sobre essa mulher. Só teve uma maneira de se fazer uma reivindicação e resgatar a dignidade dessas mulheres, externada pela Carta Proclamação.

4 Ministério Feminino entre fragilidades e fortalecimento

Há muito tempo é sabido das diferenças entre alguns Ministérios ADs. Temos em nosso meio, Ministérios filiados a CGADB - Convenção Nacional das Assembleias de Deus

¹⁹ CARTA PROCLAMAÇÃO In Reforma Protestante e Pentecostalismo: Convergências e Divergências. LIMA, D. B; ALENCAR, G. F; CORREA, Marina, A.O.S. (ORGS.). Manaus: Ed. Unida, 2017, p. 227.

no Brasil, os Ministérios filiados a CONAMAD – Convenção Nacional Madureira e os Ministérios autônomos. Pastor – presidente José Wellington Bezerra dirigiu a CGADB por quase trinta anos. Pastor-presidente Samuel Câmara, dirigente das ADs da região Norte foi candidato opositor ao pastor José Wellington por três eleições para o cargo de pastor-presidente da CGADB. Pastor Samuel Câmara ficou descontente com a candidatura do pastor José Wellington Junior para o cargo. Mais uma vez Samuel Câmara não foi bem-sucedido nas votações, e, devido a outras discordâncias, anunciou o seu desligamento da CGADB e fundou a CADB – Convenção das Assembleias de Deus no Brasil, sob o slogan: “De volta ao Lar”. Sabemos que as ADs nasceram em Belém, PA e não em São Paulo, como muitos pensam, devido a confusão que o nome do Ministério denominado de Belenzinho causa nos desavisados, a batuta da família Bezerra.

A Igreja-Mãe de Belém, como é chamada por muitos pastores se desligou da CGADB por decisão unânime dos dirigentes da Convenção Estadual – CIMADB. Os pastores de várias regiões do Brasil, cansados da antiga direção, aproveitaram a oportunidade e saíram da CGADB e filiaram-se a nova convenção CADB, entre tantos pastores, Jônatas Câmara, do Amazonas.

As mulheres da região Norte pastoreadas pelo pastor Jônatas Câmara e sabedoras das possíveis mudanças a partir dessa cisão, não perderam tempo, o momento era aquele. Liderada por Maria José Costa Lima, pastora e diretora da Faculdade Boas Novas, no último dia do evento apresentou a Carta Proclamação, com transmissão ao vivo pela TV Boas Novas para todo o Brasil e entregue, logo depois, em mãos aos pastores e presidentes das ADs Amazonas e de Belém do Pará, Jônatas e Samuel Câmara. Ao apresentar as suas reivindicações essas mulheres fizeram muito mais do proposto nas reivindicações, elas resgataram a dignidade de Frida Vingren e de todas as mulheres até então excluídas pelo sistema machista imposto pela maioria dos pastores assembleianos.

Nas comemorações do Centenário das ADs Amazonas, cerca de quase mil mulheres foram ordenadas pelo pastor-presente Jônatas Câmara. Pois bem, se Frida Vingren foi excluída na Convenção Geral de 1930, as mulheres da região Norte foram incluídas no II Encontro Norte de Teologia na Faculdade Boas Novas e o 4º Encontro Nacional RELEP. Se na Convenção Geral de 1930 a Frida foi a única mulher que participou da Convenção para

assistir pessoalmente a sua exclusão, no II Encontro Norte de Teologia, o que não faltou foi a presença das mulheres. Estas, ao apresentar suas reivindicações entre elas a ordenação de pastoras por direito e não por *status*, trouxeram a irmã Frida Vingren e tantas outras mulheres: “DE VOLTA AO LAR”.

A partir desse evento, a história das ADs ganhará outro rumo. As personagens excluídas e sem rosto começaram uma nova trajetória como pastoras em suas igrejas, fazendo-se cumprir as palavras do fundador sueco Gunnar Vingren “É necessário que demos liberdade ao Espírito Santo para que ele opere livremente, seja por homem ou por mulher, seja por dom ou ministério, para que a Igreja possa crescer na graça do Senhor”.²⁰

Considerações Finais

Celina, Frida, Mary Ângela e tantas outras se tornaram mulheres sem rostos, algumas citadas somente na história oficial, e as outras, apenas mulheres assembleianas que lutam diariamente em suas comunidades, humilhadas, trocadas, sem carreira ministerial, sem títulos e sem honras, são obrigadas a se protegerem pelo silêncio. Até quando?

Em 2011 participei das festas do Centenário assembleiano em Belém, PA. Foram dez dias de intensas celebrações, mas, para o meu espanto nenhuma menção as mulheres pioneiras das ADs. Pelo contrário, no segundo dia das festividades no estádio do Mangueirão, foi chamada uma mulher para pregar a palavra, quase metade das mais de oitenta mil pessoas presentes, se levantaram e foram embora. Ou seja, o machismo continua, no silêncio das mulheres obedientes e tementes à Deus e aos pastores-presidente.

Dominadas pelo patriarcalismo e dogmas impostos pela sociedade da “inferioridade feminina”, simplesmente seguimos submetidas a essa dominação masculina sustentados por valores morais e éticos, seja na hierarquia familiar, social e religiosa. Convenhamos, nós mulheres não nascemos com a função de desempenhar o papel de esposas de pastores e, muito menos, viemos construir uma imagem de mulheres doces e frágeis, nada de “sexo frágil”. As mulheres assembleianas de Manaus deixaram bem claro ao escreverem a Carta Proclamação, mostraram a que vieram. Elas podem ser doces e ao mesmo tempo, firmes em

²⁰ VINGREN, 1930, Mensageiro da Paz, nº 1, p. 4.

suas reivindicações, e provaram que somos todos iguais homens e mulheres, se a criação de Deus é perfeita, por que a mulher seria imperfeita? “Deve haver um valor positivo na existência da mulher que justifique seu lugar na criação”²¹.

Referências

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil: 2015.

CORREA, Marina A.O.S. *A Operação do carisma e o exercício do poder: A lógica dos Ministérios das Igrejas das Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo. Tese de doutorado em Ciências da Religião – PUC/SP. 2012.

_____. *Assembleia de Deus: Ministérios, Carisma e Exercício de Poder*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Global Editora, 2016.

GANDRA, V. R. *A “Instrumentalização” Política de Frida Maria Strandeber Vingren: De silenciada à mito assembleiano*. Anais do V Congresso da ANPTECRE "Religião, Direitos Humanos e Laicidade". Curitiba, 2015. file:///C:/Users/marina/Downloads/5anptecre-15544.pdf

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**. Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LEMOS, C. T. *Maternidade e Religião: entre o ideal do altar-trono de Maria e o real da vida cotidiana das mulheres*. In A CASA, AS MULHERES E A IGREJA. Gênero e religião no contexto familiar. Souza, S. D; Lemos, C. T. (orgs.). São Paulo: Ed. Fonte Editorial, 2009.

CARTA PROCLAMAÇÃO In Reforma Protestante e Pentecostalismo: Convergências e Divergências. LIMA, D. B; ALENCAR, G. F; CORREA, Marina, A.O.S. (ORGS.). Manaus: Ed. Unida, 2017.

²¹ LEMOS, C. T. *Maternidade e Religião: entre o ideal do altar-trono de Maria e o real da vida cotidiana das mulheres*. In A CASA, AS MULHERES E A IGREJA. Gênero e religião no contexto familiar. Souza, S. D; Lemos, C. T. (orgs.). São Paulo: Ed. Fonte Editorial, 2009, 121.